

## A TEOLOGIA NATURAL DE ALISTER MCGRATH COMO DISCURSO NA ARENA PÚBLICA

Alister McGrath's Natural Theology as a Discourse in the Public Arena

Tiago Valentim Garros

### Resumo

Este trabalho analisará a abordagem de teologia natural de Alister McGrath ao se colocar como discurso público sobre a natureza a partir de uma visão cristã. Segundo McGrath, a natureza não é auto evidente e requer explicação, sendo os discursos sobre a mesma na verdade interpretações. As ciências, desde a modernidade, detêm este monopólio interpretativo, mas o discurso sobre o status da natureza não pode ser confinado a uma voz apenas, pois trata-se de entidade publicamente acessível, sendo a teologia, portanto, merecedora de ser ouvida no que tem a dizer sobre o mundo natural. Qualquer articulação teórica com a natureza se assenta sobre um entendimento prévio do que o termo "natureza" denota, e o *framework* utilizado para interpretá-la é determinante para as conclusões a que se chegará. O artigo sugerirá que a doutrina cristã da criação fornece esta "lente" sobre a qual se pode interpretar a natureza, e que tal lente tem, no mínimo, a mesma validade epistêmica que aquelas utilizadas pelas ciências.

**Palavras-chave:** Teologia Natural. Ciência e Religião. Teologia Pública.

### Abstract

This study will examine Alister McGrath's approach to Natural Theology as a public discourse about nature from a Christian standpoint. According to McGrath, nature is not self-evident and requires explanation, and the discourses about it are in fact interpretations. Since modernity, the sciences hold this interpretive monopoly. However, the discourse on the status of nature cannot be confined to one voice only because it is a publicly accessible entity, and theology, therefore, deserves to be heard in what it has to say about the natural world. Any theoretical articulation with nature is based on a prior understanding of what the term "nature" denotes, and the framework used to interpret it is decisive for the arising conclusions. The article suggests that the Christian doctrine of creation provides this framework, or "lens", through which one can interpret nature, and that this lens has at least the same epistemic validity as those used in science.

**Keywords:** Natural Theology. Science and Religion. Public Theology.

## Considerações Iniciais

Falar de teologia natural para teólogos versados nos acontecimentos teológicos dos últimos três séculos pode parecer um pouco estranho, especialmente, talvez, para os conhecedores da querela entre Karl Barth e Emil Brunner. Este último, ao defender a legitimidade da teologia natural como empreendimento teológico além de apenas uma teologia da revelação, foi surpreendido pelo célebre e sonoro “NEIN!” de Barth, o que para muitos basta para que se pare de falar no assunto.<sup>1</sup> No entanto, os anos recentes veem um ressurgir da conversa sobre o tema, principalmente nos países anglófonos. Parte dessa ressurgência deve-se a esforços na teologia analítica, e outra parte à obra do Prof. Alister E. McGrath (nasc. 1953), hoje na cátedra *Andreas Idreos of Science and Religion* na Universidade de Oxford, Inglaterra, autor com mais de 60 livros publicados.

McGrath tem sido um profícuo autor na área das relações entre as ciências naturais e a religião, bem como no estudo de teologia histórica, e com isso, traz luz sobre os diferentes sentidos de se entender o termo “teologia natural” (de agora em diante, TN) ao longo da história, que, como veremos, não é unívoco. Ele identifica seis compreensões do termo<sup>2</sup>, no entanto, por questões de espaço e brevidade, focaremos nas três interpretações mais comuns.<sup>3</sup>

1. TN é o ramo da filosofia que investiga o que a razão humana sem a ajuda da revelação pode nos dizer a respeito de Deus. É aqui entendida como uma tentativa de determinar as características de Deus ou de chegar a ele sem recorrer à revelação divina (escritura ou experiência mística) ou a qualquer ideia que não seja “natural”.
2. TN é uma demonstração ou afirmação da existência de Deus baseada na regularidade e complexidade do mundo natural. Esta formulação específica da TN é frequentemente referida como *theologia physica*, por causa de seu apelo à um discernimento a posteriori da regularidade da natureza, que serve então como evidência ou implica existência divina,

<sup>1</sup> RUNNER, Emil and BARTH, Karl. **Natural theology**: comprising "Nature and grace" by Professor Dr. Emil Brunner and the reply "No!" by Dr. Karl Barth. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2002.

<sup>2</sup> A Descrição das seis abordagens pode ser vista em GARROS, Tiago. **O que é Teologia Natural?** Associação Brasileira de Cristãos na Ciência. 20 abr 2016. Disponível em: <<http://www.cristaosnaciencia.org.br/recursos/o-que-e-teologia-natural-2/>> Acesso: 19 out 2016.

<sup>3</sup> O exposto aqui baseia-se em anotações de aulas com o Prof. McGrath na disciplina *Science and Religion e Christian Doctrines of Creation* no Hillary Term de 2016 na Universidade de Oxford, bem como de uma palestra proferida por ele no Faraday Course “Biology and Belief”, na Universidade de Cambridge em Fevereiro de 2016.

ao invés de ideias a priori sobre Deus. É a maneira clássica de entender TN de Isaac Newton (1642-1726) e William Paley (1743-1805), sobre a qual falaremos mais adiante: a beleza, ordem e complexidade da natureza revelando Deus como criador.

3. A TN deve ser entendida principalmente como uma “teologia da natureza” – ou seja, como uma compreensão especificamente cristã do mundo natural, refletindo os pressupostos fundamentais da fé cristã, o que deve ser contrastado com os relatos seculares ou naturalistas da natureza. O movimento aqui é oposto ao da segunda abordagem: parte-se da fé cristã, da tradição de fé de um grupo, em direção à natureza. Em outras palavras, é como se apresenta o mundo natural a nós quando o olhamos de uma perspectiva cristã.

Esta última abordagem da TN é a adotada por McGrath, e a partir de agora vamos explorar as suas principais características.

### A concepção de TN de McGrath

Seja qual for a maneira de se entender a TN, McGrath afirma que, de maneira geral, todas as concepções históricas da TN podem ser enquadradas em dois arcações conceituais, estruturados aqui em forma de duas crenças:

1. A natureza fornece um recurso fundante para a teologia cristã. Ela é vista, então, como um *explicans*, um agente de explicação com status potencialmente revelatório.
2. A teologia cristã fornece um framework interpretativo, através do qual a natureza pode ser interpretada. Esta abordagem considera a natureza como um *explicandum*, algo que requer ou exige uma explicação, mas que não tem em si mesmo a capacidade ou habilidade intrínseca de oferecer tal explicação.<sup>4</sup>

McGrath afirma a viabilidade teológica da segunda abordagem em detrimento da primeira, indicando assim o seu afastamento das noções clássicas de TN que buscavam “provar Deus a partir da natureza”. Isso é de extrema importância para a compreensão de que tipo de TN estamos falando segundo este entendimento contemporâneo de TN: não se trata de buscar na natureza evidências que possam provar Deus ou o cristianismo, como fez a teologia natural de William Paley e seu célebre argumento do relojoeiro.<sup>5</sup> Do contrário, a TN

<sup>4</sup> McGRATH, Alister E. **A Scientific Theology**. Vol. 1 – Nature. Edinburgh: T & T Clark, 2001, p. 294. Grifos do autor. (Tradução nossa.)

<sup>5</sup> Para os não familiarizados com o argumento, Paley descreve-o em seu *Natural Theology or Evidences of the Existence and Attributes of the Deity* (1802): Imagine-se que, caminhando por aí, alguém se depare com um relógio, obra de admirável design e engenharia. Seria razoável supor que deve existir um relojoeiro, que criou o relógio com o propósito ao qual serve. Da mesma forma aconteceria com a natureza, que exhibe design muito mais complexo que qualquer relógio humano.

é aqui vista como um “engajamento com a natureza que é conduzido sob a luz de uma visão cristã da realidade, apoiada sobre uma ontologia trinitária, encarnacional.”<sup>6</sup> É o movimento oposto da abordagem de Paley: parte-se das lentes da fé cristã para olhar-se para a natureza, e não da natureza para chegar à fé.<sup>7</sup> Portanto, a TN não pode entender-se como autônoma, mas sim dependente da revelação, pois as lentes com que se olha para o mundo natural são fornecidas pela revelação, a saber, a natureza como criação divina.<sup>8</sup>

### A Construção da Natureza

McGrath alerta para a tentação iluminista de vermos a natureza como uma entidade auto evidente, epistemologicamente neutra, sem a necessidade de interpretação. A filosofia da ciência já há muito alerta que qualquer observação do mundo natural não é uma mera observação neutra, mas está imersa em um pressuposto teórico, uma “lente” com a qual observamos, na qual o observador traz para o ato da observação uma série de pressupostos. Observar é na realidade interpretar, e as conjunturas sociais, econômicas, políticas e religiosas têm produzido narrativas diversas do que vem a ser a natureza ao longo dos séculos. Diversos estudos desde o pós-guerra vêm iluminando estas diferentes concepções, alertando para o fato de que a natureza é, portanto, um conceito socialmente construído.<sup>9</sup> Se observar é interpretar, a TN faz isso de uma perspectiva cristã, trazendo para esta palavra essencialmente amorfa e transitória uma ontologia advinda da doutrina cristã da criação.<sup>10</sup> Dessa forma, a natureza precisa ser “preenchida” de conteúdo ontológico até que possa possuir qualquer status revelatório, o que mais uma vez mostra a impossibilidade das TN clássicas que partem de uma natureza entendida como “neutra” para revelar a Deus.

### Ressonância – e não “Prova”: Teologia Natural e o “Encaixe Empírico”

Dois conceitos bastante caros a McGrath e sua concepção de TN é o de ressonância e o de “encaixe (ou ajuste) empírico” (*empirical fit*). Para isso, o autor procura distanciar-se da noção iluminista de “provar” a divindade. Segundo ele,

<sup>6</sup> McGRATH, Alister E. **The open secret: a new vision for natural theology**. Malden, MA: Blackwell Pub., 2008, p.6. (Tradução nossa.)

<sup>7</sup> McGRATH, 2016, p. 15.

<sup>8</sup> McGRATH, 2001, p. 295. (Tradução nossa.)

<sup>9</sup> Cf, por exemplo, EVERNDEN, Neil. **The Social Creation of Nature**. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1992 e SOPER, Kate. **What is Nature? Culture, Politics and the Non-Human**, Oxford: Blackwell, 1995.

<sup>10</sup> McGRATH, 2001, p. 81. (Tradução nossa.) Por razões de espaço, não podemos nos aprofundar nessa questão, mas recomendamos fortemente o Cap. 3 desta obra.

Não se trata de "prova", entendida como uma demonstração logicamente impenetrável, ou o encerramento indiscutível de um debate científico sob uma base probatória inatacável. Pelo contrário, fala-se da "melhor explicação", conforme definido em termos da convergência entre teoria e observação. A natureza, como temos enfatizado, está aberta a múltiplas interpretações. Enquanto cada uma dessas interpretações é subdeterminada pela evidência, cada uma oferece a sua maneira individual de explicar a natureza, o que ressoa em maior ou menor grau com a natureza conforme experimentada (...) Onde uma geração anterior poderia ter pensado que poderia "provar" a existência de Deus pela reflexão sobre a natureza, essa abordagem da teologia natural sustenta que a natureza reforça uma crença existente em Deus através da ressonância entre observação e teoria.<sup>11</sup>

Para McGrath, a “fecundidade explicativa do cristianismo é afirmada, na medida em que se vê ressoar com o que é observado.”<sup>12</sup> A fé cristã ilumina a percepção que temos da realidade, como belamente ilustrou C.S. Lewis, em frase que McGrath cita em diversas de suas obras: “Eu creio no cristianismo como creio que o sol nasceu. Não porque eu o vejo, mas porque através dele, vejo todo o resto.”<sup>13</sup> McGrath lembra-nos de que, de fato, qualquer discurso sobre o mundo natural utiliza-se de iluminação advinda de conceitos filosóficos, metafísicos, - o que podemos chamar de cosmovisão ou visão de mundo - como por exemplo este famoso trecho do maior defensor contemporâneo do ateísmo militante, o zoólogo Richard Dawkins: “O universo que observamos tem precisamente as propriedades que deveríamos esperar se, no fundo, não há projeto, propósito, bem ou mal, nada a não ser uma indiferença cega, impiedosa.”<sup>14</sup> O que se faz necessário é analisar o grau de ressonância que há entre a cosmovisão e o que é realmente observado, o que na filosofia da ciência se chama “melhor explicação”.

Este conceito é análogo ao de “encaixe empírico”, na medida em que se procura ver o grau de correspondência entre a teoria (no caso a cosmovisão, cristã ou não) e a prática (a observação científica). John Polkinghorne (nasc. 1930) discute em suas obras quatro critérios de excelência para determinar a adequação de cosmovisões em fazer sentido dos aspectos observáveis da realidade: economia, escopo, elegância e frutificação.<sup>15</sup> Em outras palavras, qual cosmovisão possui mais elevado grau de encaixe empírico segundo estes critérios. Ambos, McGrath em Polkinghorne, concordam que o teísmo tem mais elevado grau de

<sup>11</sup> McGRATH, 2008, p.18. (Tradução nossa.)

<sup>12</sup> McGRATH, 2008, p. 15-16. (Tradução nossa.)

<sup>13</sup> LEWIS, C.S. Is Theology Poetry? In: **Essay Collection and Other Short Pieces**, pp. 10–21, London: HarperCollins, 2000; citação à p. 21, apud McGRATH, 2008, p. 16. (Tradução nossa.)

<sup>14</sup> DAWKINS, Richard. **O Rio Que Saía Do Éden: Uma Visão Darwiniana Da Vida**. Trad. Alexandre Tort. Rio De Janeiro: Rocco, 1996, p. 70.

<sup>15</sup> POLKINGHORNE, John. **Science and the Trinity: The Christian Encounter with Reality**, New Haven, CT: Yale University Press, 2004, apud McGRATH 2008, p. 17. (Tradução nossa.)

encaixe empírico com a realidade observada do que cosmovisões naturalistas como a de Dawkins, enfatizando que o teísmo trinitário é ainda superior a um teísmo não-trinitário.

Uma crença pré-existente em Deus pode vir, assim, a encontrar “ressonância” ou não nas observações da natureza. Como colocou John Henry Newman (1801-1890), “ eu creio em design porque eu creio em Deus, e não em Deus porque eu vejo design.”<sup>16</sup> A observação da natureza sob a ótica da fé cristã faz com que ela faça sentido, que ela “encaixe” de forma confortável em uma visão coerente de realidade, como ilustrou o padre-cientista Ian Ramsey (1915-1972) através da analogia da bota:

O modelo teológico funciona mais como a colocação de uma bota ou sapato do que o “sim” ou “não” de uma lista de chamada. (...) Assim, o teste de um sapato é medido pela sua habilidade de se encaixar a uma ampla série de fenômenos, pela sua habilidade geral de atender a uma série de necessidades. Isso é o que eu posso chamar de método de encaixe empírico, que é demonstrado pela teorização teológica.<sup>17</sup>

No entanto, uma teologia natural legitimamente cristã não pode se limitar a ser um exercício apenas “realçador” de uma visão racionalista da realidade. Outros aspectos da experiência humana, como os níveis imaginativos e estético também são contemplados por essa nova TN defendida por McGrath. Para isso, ele evoca a tríade platônica da busca humana pela verdade, beleza e bondade como *framework* heurístico da TN. Segundo o autor, a tradição cristã do passado medieval esteve muito envolvida na reflexão sobre o bom, o belo e a verdade, como expresso pela noção de um “sentimento por uma beleza inteligível” típico da época. No entanto, o iluminismo e algumas vertentes do protestantismo parecem não ter sido simpáticas a estas questões culturais mais amplas, e tal preocupação se esvaneceu na tradição cristã. Uma TN pensada da forma que McGrath propõe busca essa reconexão com os antigos anseios humanos pela verdade que ilumina o bom e o belo, sob forma de um profundo sentimento de contemplação, celebração e maravilhamento.<sup>18</sup>

Dessa forma, a TN de McGrath vê a natureza como um “segredo aberto” que requer explicação, mas cujo significado real só pode ser visto através das lentes da fé cristã. De fato,

<sup>16</sup> NEWMAN, John Henry; EARNEST, James David and TRACEY, Gerard. **John Henry Newman: fifteen sermons preached before the University of Oxford.** Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 309-310, apud McGRATH, 2008, p.16. (Tradução nossa.)

<sup>17</sup> MCCLENDON JR, James Wm.; SMITH, James M. Ian Ramsey's Model of Religious Language: A Qualified Appreciation. **Journal of the American Academy of Religion**, vol. 41 n. 3, p. 413-24, Set 1973 apud McGRATH, Alister. *Ciência, Fé e a Compreensão do sentido das coisas.* In: BERRY, R. J. (org). **Verdadeiros Cientistas, Fé Verdadeira.** Trad. Thaís Semionato. Viçosa, MG: Ultimato, 2016, à p. 26.

<sup>18</sup> McGRATH, 2008, p. 19. (Tradução nossa.)

ela pode realmente nos revelar sobre Deus, mas somente se for vista sob determinada luz, que não é auto-evidente, mas produto da fé advinda da revelação dentro da tradição cristã.<sup>19</sup> Somente vista dessa forma é que a natureza revela seu real significado, sentido e propósito – um segredo aberto, mas escondido, disponível somente para aqueles que compartilham da fé no Deus criador da natureza.

### Considerações Finais

Uma nova visão para a TN como a que McGrath propõe em suas obras pode vir a servir também para ajudar a desfazer o mito do conflito eterno entre as ciências naturais e a fé cristã. Porque ela propõe um engajamento sério com a natureza, ela pode servir como ponto de encontro para que haja um diálogo entre pessoas de fé e pessoas da ciência – algo praticamente inexistente no cenário de beligerância que se observa atualmente. No entanto, para que esse diálogo ocorra, é necessário que haja o reconhecimento, em primeiro lugar, de que não há discurso neutro sobre a natureza, e que o discurso dominante produzido pela ciência positivista é apenas um de diversos possíveis, todos construídos socialmente. Em segundo lugar, há que se respeitar e engajar-se seriamente com os achados da ciência, denunciando-se transgressões de ambos os lados: os que, partindo da religião, buscam negar achados da ciência, e os que cooptam a ciência para avançar discursos filosófico/metafísicos como se fossem epistemologicamente vinculados ao método que a ciência nos apresenta.<sup>20</sup>

Neste sentido, tal abordagem da TN permite ao teólogo “uma maneira abrangente pela qual a teologia pode se dirigir ao mundo, ao engajar-se em diálogo produtivo no que diz respeito à legitimação e consequências de sistemas de crenças.”<sup>21</sup> Dessa forma, a TN se torna uma teologia pública, pois engaja-se com uma entidade publicamente acessível, qual seja, a natureza, liberando a teologia de uma acusação de auto-aprisionamento – um campo que só fala para si mesmo. A tarefa, torna-se, portanto, em primeiro lugar, a denúncia de que qualquer engajamento com a natureza se assenta sobre uma concepção do que a natureza

---

<sup>19</sup> McGRATH, 2008, p. 125, 129 e passim. (Tradução nossa.)

<sup>20</sup> Refiro-me aqui ao materialismo científico neo-atéista de Dawkins, Dennet e seus correligionários, e ao literalismo bíblico dos criacionistas e do movimento do Design Inteligente. Para mais sobre este tema, veja cap. 3 de GARROS, Tiago V. **O Movimento Criacionista e Sua Hermenêutica**: possibilidades de diálogo entre a teologia e a ciência evolucionista. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=553](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=553)>. Acesso em: 25 maio 2015.

<sup>21</sup> McGRATH, 2001, p. 303. (Tradução nossa.)

é ou denota, não havendo uma “teoria da natureza” pública e universalmente aceita. Nas palavras de McGrath:

Aquilo que precisa ser explicado é publicamente observável [a natureza]; a maneira de sua observação pressupõe uma teoria que a informe. A doutrina cristã da criação é uma de tais teorias; outras, porém, concorrem em busca de plausibilidade na arena pública.<sup>22</sup>

Assim, enquanto muitos veem nas relações entre ciência e religião um motivo de conflito, essa nova abordagem de TN poderia servir para construir pontes de diálogo entre as mesmas, buscando a convivência pacífica entre elas e o bem comum.

## Referências

BRUNNER, Emil and BARTH, Karl. **Natural theology**: comprising "Nature and grace" by Professor Dr. Emil Brunner and the reply "No!" by Dr. Karl Barth. Eugene, OR: Wipf & Stock Pub., 2002.

DAWKINS, Richard. **O Rio Que Saía Do Éden**: Uma Visão Darwiniana Da Vida. Trad. Alexandre Tort. Rio De Janeiro: Rocco, 1996.

GARROS, TIAGO V. **O que é Teologia Natural?** Associação Brasileira de Cristãos na Ciência. 20 abr 2016. Disponível em: <<http://www.cristaosnaciencia.org.br/recursos/o-que-e-teologia-natural-2/>> Acesso: 19 out 2016.

McGRATH, Alister E. **A Scientific Theology**. Vol. 1 – Nature. Edinburgh: T & T Clark, 2001.

\_\_\_\_\_. Ciência, Fé e a Compreensão do sentido das coisas. In: BERRY, R. J. (org). **Verdadeiros Cientistas, Fé Verdadeira**. Trad. Thaís Semionato. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

\_\_\_\_\_. **Deus e Darwin**: teologia natural e pensamento evolutivo. Tradução: Thais Semionato. Viçosa: Ultimato. 2016.

\_\_\_\_\_. **The open secret**: a new vision for natural theology. Malden, MA: Blackwell Pub., 2008.

<sup>22</sup> McGRATH, 2001, p. 304. (Tradução nossa.)